

# Ikeda acha que Brasil voltará a crescer 10%

JOSE BERNARDES

O principal assessor de economia do ministro do Planejamento, Akihiro Ikeda, admitiu ontem que a manutenção do desempenho atual do balanço de pagamentos dará condições para que a economia do país retome daqui há dois anos os seus níveis anteriores de crescimento, ou seja, superiores a 10 por cento. E revelou também que um bom comportamento do balanço de pagamentos possibilitará ao governo, daqui a um ano, lançar mão do recurso de importações de matérias-primas para aumentar a velocidade de queda da inflação, ou, em caso extremo, fazer ceder a inflação, na hipótese de ela se mostrar renitente.

O mecanismo de utilização de importações de matérias-primas para

pressionar o arrefecimento dos preços internos é um instrumento que Akihiro Ikeda qualifica de muito importante, mas que, segundo ele, ainda não pôde ser usado por causa dos problemas do balanço de pagamentos, que, agora, para ele, comporta-se razoavelmente bem em função de uma balança comercial equilibrada, de uma inflação decrescente e de um menor consumo de petróleo. Ele admitiu claramente que a persistência desse quadro fará com que o país, no máximo dentro de dois anos, tenha condições de crescer a taxas altas, ao contrário do que ocorre neste ano, por exemplo, para o qual se prevê um crescimento do Produto Interno Bruto em torno de 5 por cento apenas.

Por ser o problema do balanço de pagamentos de equacionamento e

solução prioritários, é que —, de acordo com o chefe da Secretaria Especial de Assuntos Econômicos do Ministério do Planejamento — as autoridades econômicas não puderam ainda dar o devido tratamento de choque para combate à inflação. “A inflação está demorando mais a cair do que os problemas do balanço de pagamentos” — reconhece o assessor do ministro Delfin Netto.

— “A restrição à importação é um fator de inflação”, explicou Ikeda, destacando que importações como, por exemplo, de matérias-primas têm, a nível interno, o efeito de re-frear o ímpeto dos preços dos produtos nacionais. Isso ocorre, explicou, porque o seu fabricante ou produtor passa a ser obrigado a nivelar os seus preços de acordo com os dos produtos estrangeiros, não lhe deixando

quaisquer margens para manobras especulativas.

Akihiro Ikeda diz que “a inflação não tem mais força para subir”, embora, observe, que apesar de representar um bom resultado, a taxa de 4,5 por cento para o índice Geral de Preços medido no mês passado pela Fundação Getúlio Vargas, “a gente não pode se deixar iludir por um resultado de um mês”. Salientou que, graças à colaboração das políticas monetária e fiscal, os resultados agradam ao governo e demonstram que “a tendência é favorável”.

Em minuciosa análise dos problemas que cercam o balanço de pagamentos e inflação brasileiros, Ikeda explicou, no caso da inflação, que ela apresenta “uma série de inflexibilidades”, geradas fundamentalmente pela necessidade absoluta de

se equilibrar, em primeiro lugar, o balanço de pagamentos, o que obriga o país a desenvolver, à custa de muito esforço, programas, de substituição de energia, a subsidiar a agricultura, a exportação, a praticar o Imposto sobre Operações Financeiras na importação; isso tudo segundo ele é inflacionário, isto é, produz rigidez na inflação brasileira; para ele, o próprio fato de se usar álcool ao invés de gasolina é inflacionário, porque o álcool é menos eficiente do que o derivado de petróleo.

Akihiro Ikeda disse ter certeza de uma coisa: que “muita gente não gostaria que as taxas inflacionárias caíssem para níveis próximos de zero”. Isso, segundo ele, porque “se tal fato acontecesse, ninguém poderia repassar para os preços os aumentos dos custos”, o que, segundo

o seu raciocínio, acabaria, de forma concreta, empurrando as empresas para a falência como resultado de um aumento do salário real e de uma diminuição das margens de lucro.

O chefe da Secretaria Especial para Assuntos Econômicos da Seplan disse que o caminho é um só: manter a política monetária e o severo controle sobre as dispêndios das empresas estatais; assim, no seu entendimento, a economia brasileira vai ter condições de respirar melhor. Para ele, os primeiros efeitos já são visíveis, tanto que os próprios empresários os vêm acolhendo, embora de forma silenciosa. Ikeda acha que os empresários já chegaram à conclusão de que a saída não é apregoar a iminência de recessão, e sim, procurar se ajustar a quedas de demanda e margens de lucro menores.